

SILVEIRA, C. H. Algumas experiências com a escrita de sinais – *signwriting*. *ReVEL*, edição especial, v. 21, n. 20, 2023. [www.revel.inf.br]

## ALGUMAS EXPERIÊNCIAS COM A ESCRITA DE SINAIS – *SIGNWRITING*

Carolina Hessel Silveira<sup>1</sup>

cahessil12@gmail.com

**RESUMO:** O objetivo do artigo é relatar e analisar algumas experiências pessoais com *SignWriting*, ligadas à produção e tradução de histórias literárias (conto popular e contos de fadas). Tais experiências aconteceram na primeira década do século XXI, nos primeiros anos em que esse sistema de escrita foi introduzido no Brasil. Para isso, o presente artigo faz uma breve contextualização do *SignWriting*, partir do trabalho de Stumpf (2004), Campos e Stumpf (2012), Pinto e Coelho (2013), de estudos sobre o tema no Brasil, assim como são referidas obras de literatura infantil que o utilizaram. As experiências relatadas são a produção de uma adaptação da lenda ‘O boto cor-de-rosa’, com ilustrações e texto em *SignWriting*, e de dois livros infantis com adaptações de contos de fadas para crianças surdas: ‘Cinderela surda’ e “Rapunzel surda”. O trabalho relata os esforços para produzir uma escrita de sinais consistente e adequada ao uso efetivo de Libras. Ao final do artigo, aponta-se a expansão mais recente do *SignWriting*, com disciplinas na formação universitária de tradutores/intérpretes e oferta de cursos de extensão sobre o tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** *SignWriting* ; escrita de sinais; literatura surda; LIBRAS

**ABSTRACT:** This paper aims to describe and analyze a few of its author's personal experiences with *SignWriting*, related to the production and translation of literary stories (folk and fairy tales). Such experiences happened in the first decade of the 21st century, in the early years of the introduction of *SignWriting* in Brazil. A brief contextualization was made based on authors like Stumpf (2004), Campos; Stumpf (2012), Pinto; Coelho (2013), and Brazilian studies on the subject, as well as referring to the works of children's literature that use *SignWriting*. The reported experiences refer to the production of an adaptation of the legend of the "Pink river dolphin" with illustrations and *SignWriting* and two children's books with adaptations of fairy tales for deaf children: "Deaf Cinderella" and "Deaf Rapunzel". The efforts to produce a consistent and effective *SignWriting*, suitable to use with Brazilian sign language are reported. At the end of the paper the latest expansion of *SignWriting* is pointed out, with disciplines in translators/interpreters undergraduate courses and the offer of extension courses on the subject.

**KEYWORDS:** *SignWriting*; writing sign language; Deaf literature ; Brazilian sign language.

### Introdução

Nas décadas mais recentes, as comunidades surdas em vários lugares do mundo têm obtido muitas conquistas relativas ao reconhecimento da sua cultura e à legitimidade de suas línguas de sinais. No Brasil, em especial, a Libras (Língua Brasileira de Sinais) alcançou proteção legal e vários cursos superiores foram criados tanto para a formação de professores surdos como para a formação de tradutores/intérpretes. Muitas pesquisas foram feitas sobre aspectos da vida, da cultura, das línguas de sinais e da educação dos surdos. Isto está presente, por

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UFRGS. Professora do Instituto de Letras da UFRGS.

exemplo, na tese de Pokorski (2020), que examina 164 dissertações de mestrado e 25 teses de doutorado defendidas por surdos brasileiros desde 1998. Um assunto, porém, não tem ganhado o mesmo destaque - a escrita de sinais pelo sistema SignWriting.

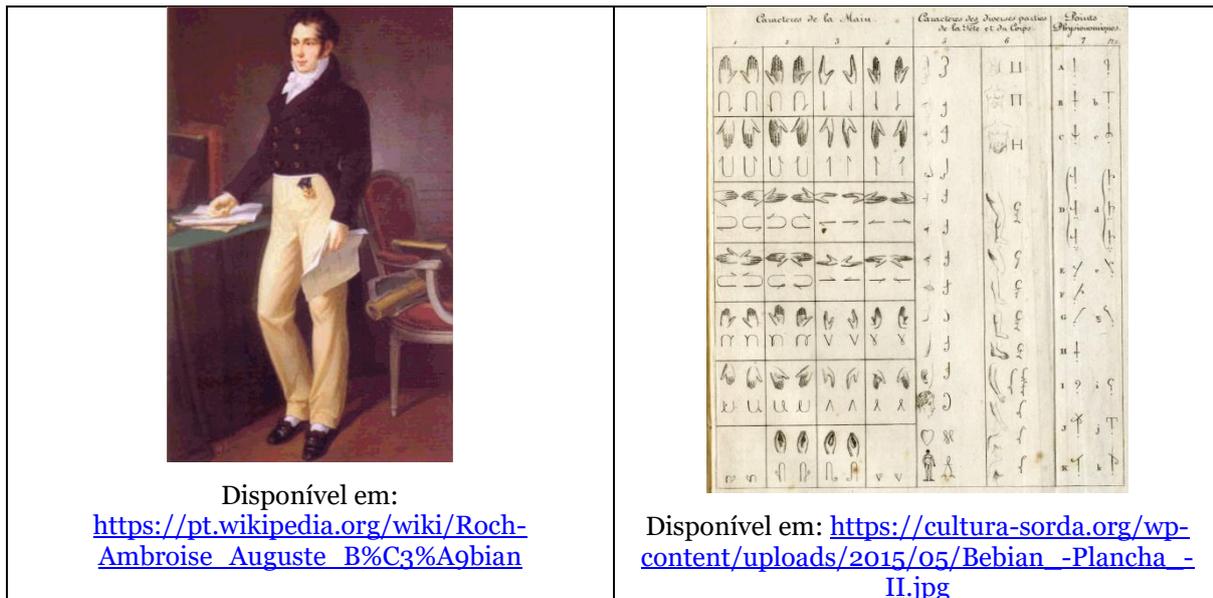
Este artigo dá foco para a escrita de sinais. Seu objetivo é relatar e analisar algumas experiências pessoais com SignWriting, ligadas à produção e tradução de histórias literárias (conto popular e contos de fadas), que aconteceram na primeira década do século XXI, nos primeiros anos em que SignWriting ficou conhecida no Brasil.

Na primeira seção, será feito um breve relato histórico sobre a escrita de sinais e aponto alguns estudos que já foram feitos. Também serão mencionadas outras produções de literatura infantil que fazem uso de *SignWriting*. Na segunda seção, relato as experiências que tive com a produção de uma tradução de uma lenda do folclore brasileiro - o Boto cor-de-rosa - e a produção em coautoria de duas adaptações de contos de fadas para a cultura surda. Nas conclusões, faço alguns comentários sobre as experiências que tive e sobre as diferenças do contexto em que foram feitas e as atuais possibilidades de uso de tecnologia, assim como a crescente expansão de SignWriting.

### **1.O que é a escrita de sinais?**

Vários autores trazem informações sobre o surgimento e desenvolvimento da escrita de sinais por meio do sistema SignWriting, como Gesser (2009), Pinto e Coelho (2013), Campos e Stumpf (2012) e Stumpf (2004). Vamos trazer aqui algumas informações básicas. A escrita de sinais consiste em uma forma de escrita da Língua de Sinais, com semelhanças com o desenho, com aparência que lembra a forma da escrita asiática como chinesa, japonesa, etc. Quanto às denominações, além de SignWriting (inglês), temos, em Português, a escrita da Língua de Sinais, que é comumente chamada de escrita de sinais.

A história das tentativas para registrar graficamente as línguas de sinais traz uma referência ao guadalupense Roch Ambiose Bebian (1789 - 1839), que estudou numa escola de surdos em Paris - França, e foi professor na instituição e trabalhou a forma da escrita de sinais chamada *Mimeographie*. Esta forma foi bem pouco divulgada. Segue a figura:



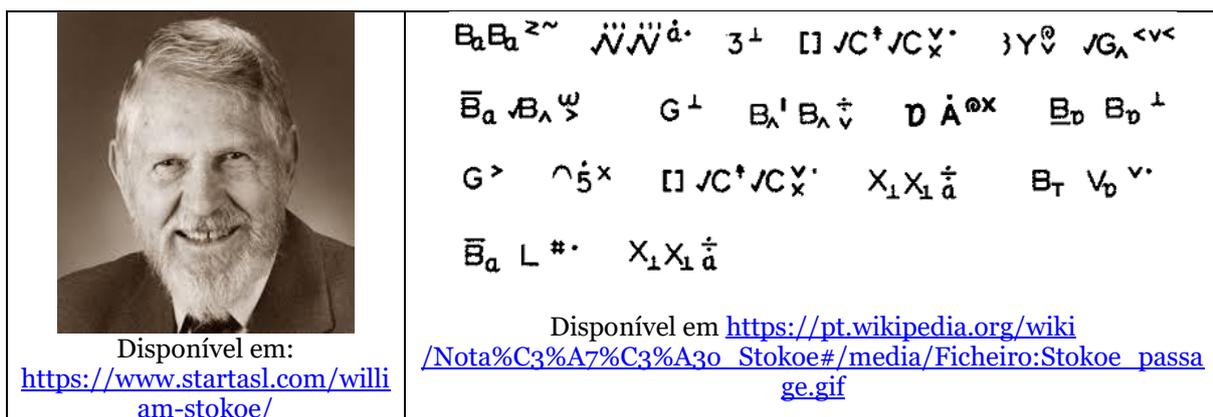
Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Roch-Ambrose\\_Auguste\\_B%C3%A9bian](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roch-Ambrose_Auguste_B%C3%A9bian)

Disponível em: [https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/05/Bebian\\_-\\_Plancha\\_-\\_II.jpg](https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/05/Bebian_-_Plancha_-_II.jpg)

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

**Figura 1 – Retrato de Roch Ambrose Bebian e Prancha com caracteres para representar mãos, cabeça, corpo e pontos fisionômicos, de Bebian**

Já no século XX, temos que, nos anos 1960, o linguista William Stokoe também propôs e usou uma forma de escrita de sinais chamada Notação de Stokoe. Seu interesse era principalmente a pesquisa, pois foi um grande pesquisador da ASL (*American Sign Language*) e necessitava de uma forma de registro mais permanentes da língua para suas análises. Deve-se considerar que, há 60 anos atrás, o acesso a formas de gravação – de vídeo – era bem mais restrito e difícil, do que as grandes facilidades dos aparatos atuais.



Disponível em:  
<https://www.startasl.com/william-stokoe/>

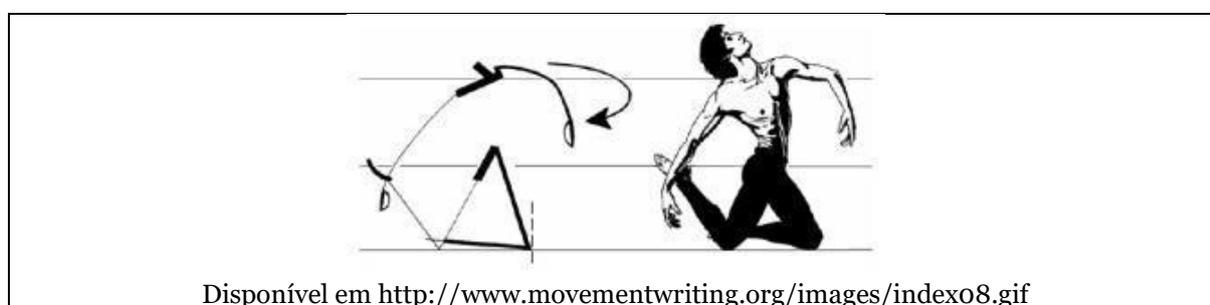
Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Nota%C3%A7%C3%A3o\\_Stokoe#/media/Ficheiro:Stokoe\\_passage.gif](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nota%C3%A7%C3%A3o_Stokoe#/media/Ficheiro:Stokoe_passage.gif)

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

**Figura 2 – Foto de William Stokoe e reprodução de Ficheiro de Notação Stokoe**

Essas formas citadas acima não se tornaram populares e assim se consideravam as línguas de sinais como línguas ágrafas (sem escrita) até a criação do SignWriting. Este sistema foi criado em 1974, com a contribuição da coreógrafa e

pesquisadora norte-americana Valerie Sutton. No início, ela criou um sistema para registro dos movimentos de dança, o que despertou a curiosidade dos pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa, que estavam procurando uma forma de escrever os sinais. Então, foi registrada, na Dinamarca, a primeira página de uma longa história: a criação de um sistema de escrita de línguas de sinais. Conforme os registros feitos por Valerie Sutton no site do *SignWriting*, em 1974, a Universidade de Copenhague tinha pedido à Sutton que registrasse os sinais gravados em videocassete. As primeiras formas de escrita de sinais foram inspiradas no sistema escrito de danças e na década de 70 houve a transição de *DanceWriting* para *SignWriting*, isto é, da escrita de danças para a escrita de sinais das línguas de sinais. Segue abaixo, um exemplo de escrita de danças, para se ter uma ideia de como ele funcionava.

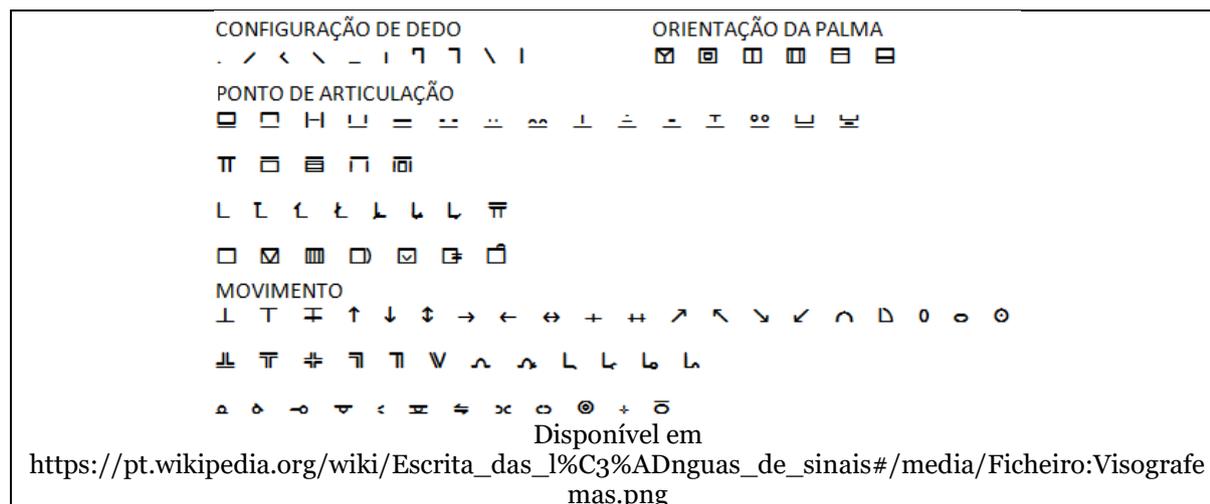


Fonte: Elaborado pela autora (2023)

**Figura 3 - Exemplo de *DanceWriting*, que serviu de base para *SignWriting***

Aqui no Brasil, a aprendizagem, o uso e as pesquisas com *SignWriting* iniciaram em 1996, com um grupo de pesquisa coordenado pelo prof. Antônio Carlos da Rocha Costa, que, junto com Marianne Stumpf, iniciaram uma oficina e projeto na PUC-RS. A partir de então, as pesquisas se ampliaram, e, inclusive, há vários estudos de mestrado e doutorado que incluíram temas como *SignWriting*.

A pesquisadora brasileira, Mariângela Estelita Barros criou em 1998 outra forma de escrita de língua de sinais, chamada ELiS, que é a sigla para Escrita das Línguas de Sinais. Eu tive a oportunidade de cursar uma oficina sobre Elis no Encontro de Letras Libras em Goiânia em 2009. Foi uma boa experiência para muito aprendido.



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

**Figura 4 – Exemplo de Elis**

Entre estes estudos, por ordem cronológica, alguns trabalhos foram feitos na área. Em sua dissertação de mestrado, Silva (2009) analisou a compreensão da leitura do sistema *SignWriting*, por uma amostra de seis surdos fluentes em Libras e que conheciam esse sistema de escrita de sinais. Nobre (2011), realizou uma análise fono-morfológica da escrita em *SignWriting*. Wanderley (2012), em sua dissertação de mestrado, teve como objetivo identificar os elementos que fazem parte da compreensão e a produção dos textos em escrita de sinais, trabalhando com crianças e adultos em processo de aquisição de *SignWriting*. Bózoli (2015) investigou a influência, na aprendizagem de conteúdos escolares, do uso de *SignWriting*, para alunos surdos usuários de Libras no ensino médio. Kogut (2015) apresentou descrições imagéticas nas transcrições e na leitura de um texto em *Signwriting*. Barbosa (2017) estudou a arte de escrever em Libras. Também podemos identificar e brevemente comentar alguns livros infantis publicados desde 2000 que apresentam o uso de *SignWriting*, voltados principalmente para crianças surdas.



Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/673991900474219258/>

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

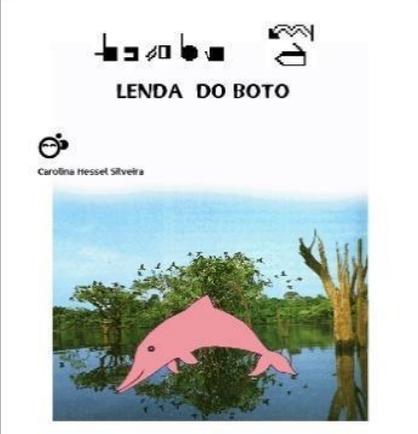
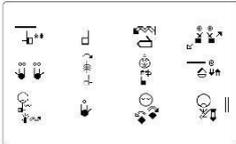
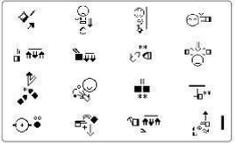
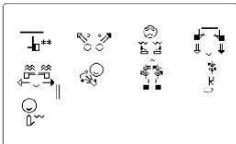
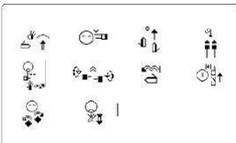
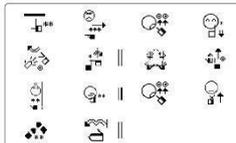
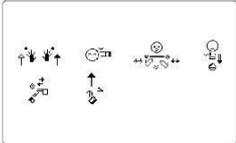
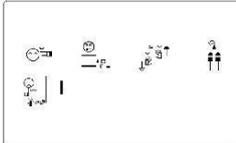
### Figura 5 - Composição de capas de onze livros de literatura infantil que utilizam a escrita de sinais

A maioria dos livros acima apresentados apresenta ilustrações, texto escrito em Língua Portuguesa e escrita de sinais. Comentarei brevemente alguns deles. Assim, *A cigarra surda e as formigas*, da autoria de Jaqueline Boldo e Carmen Oliveira, professoras de surdos da cidade de Erechim-RS, é a adaptação da conhecida fábula *A cigarra e a formiga*, O livro foi publicado no ano de 2003 com desenho de sinais (Libras) e escrita de sinais. Já as obras *Manoelito o palhacinho tristonho* e *Sol e as ovelhas*, trazem histórias de Angélica Rizzi, apresentam também ilustrações, texto em Língua Portuguesa e escrita de sinais. Foram publicados em 2009 e 2011. O livro *Cachos Dourados* traz uma adaptação do conhecido conto de fadas *Cachinhos Dourados e os três ursos*, sem informação sobre autoria e apenas referindo que foi feita por alunos da Escola Especial Concórdia (Porto Alegre-RS) e publicada em 2003. Esse livro apresenta apenas ilustrações e escrita de sinais. Por fim, a obra *O Feijãozinho Surdo*, de autoria de Liege Kuchenbecker, publicada em 2009, apresenta ilustrações, texto em Língua Portuguesa e versão em escrita de sinais. Os livros *Cinderela Surda* e *Rapunzel Surda* comentarei adiante. A maioria dos livros, assim, apresenta, além das ilustrações, texto em Língua Portuguesa e escrita de sinais.

## **2. Experiências pessoais com *SignWriting***

No ano de 2001, enquanto cursava bacharelado em Desenho Industrial – Programação Visual, atuei como bolsista no projeto SignNet, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul, que já foi citado acima como o lugar em que, no Brasil, começaram pesquisas e divulgação do *SignWriting*. Especificamente, o objetivo do projeto se relacionava com uma pesquisa sobre a escrita de sinais que deveria constar nas placas do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS. Como deveria realizar um estágio curricular envolvendo produção visual, fui criando um projeto que unia minha proximidade e inclusão na comunidade surda, minhas aprendizagens de escrita de sinais e meu interesse específico por questões da literatura para crianças. Então, uma das partes do estágio consistiu na escolha e adaptação de um conto para crianças. Relembro que a literatura sempre fez parte da minha vida, desde o contato na infância com conto de fadas, fábulas, lendas e numerosos livros infantis. Escolhi, então, a lenda brasileira famosa chamada Boto cor de rosa, lenda da região Norte, que havia me encantado pelo seu aspecto mágico de transformação do boto em um belo homem (que é simbólico) e também porque a conhecia pela sua adaptação cinematográfica – filme *Ele, o boto* (Brasil, 1986), com o conhecido ator Carlos Alberto Riccelli.

Apresento abaixo várias cenas que criei para a história. Primeiro, fiz uma pesquisa sobre técnicas de ilustração na literatura infantil e também pesquisei sobre a lenda, principalmente em Luna (1982). Depois, selecionei as cenas que ia ilustrar, o que ia escrever em *SignWriting* ao lado de cada estampa, para fazer uma espécie de tradução. As ilustrações, criadas por mim, usavam técnica mista (desenho e colagem). A escrita de sinais foi discutida com meus colegas no projeto *SignNet*. Foi um processo demorado, porque eu havia decidido que não ia usar texto em Português e, assim, a união da linguagem do desenho e da escrita de sinais deveria ser compreendida. Abaixo, algumas das cenas criadas, com a escrita de sinais correspondente e uma tradução livre para português.

 <p>LENDAS DO BOTO</p> <p>Carolina Hessel Silveira</p> <p>Capa</p>	 	<p>Tradução livre em <i>SignWriting</i>: ‘Tem um boto diferente especial, vive na água só de manhã e tarde’</p>		
		 	<p>Tradução livre em <i>SignWriting</i>: Este rapaz (boto) tem seu sinal como “pisar olho”; sempre está com chapéu mais bonito; também tem buraco na cabeça (como boto), por isso precisa disfarçar.</p>	<p>Tradução livre em <i>SignWriting</i>: Tem uma festa com muita gente; tem variedades bonitas de música, dança e comida.</p>
		 	<p>Tradução livre em <i>SignWriting</i>: Amanhecendo, o rapaz foge, mergulha na água e vira boto. Continua boto de manhã e tarde.</p>	<p>Tradução livre em <i>SignWriting</i>: Acontece várias mulheres ficarem grávidas. A família pergunta quem é o pai. A mulher responde: “A culpa é do boto.”</p>
		 	<p>Tradução livre de <i>SignWriting</i>: Pegaram o rapaz, assustado. Outro rapaz o esfaqueou com faca</p>	<p>Tradução livre de <i>SignWriting</i> O rapaz, esfaqueado, fugiu mergulhando na água</p>



Fonte: Acervo pessoal (2023)

**Figura 6 - Conjunto de algumas páginas da adaptação da Lenda do Boto com ilustração e escrita de sinais**

Relembro que montar esta história fazendo uso da Escrita de Sinais foi um verdadeiro desafio para mim, porque significava também usar como contexto mais geral a Libras e não a Língua Portuguesa. Deve-se considerar que isto aconteceu em 2001, e eram os primeiros anos de conhecimento de *SignWriting* no Brasil. Agora releio o relatório do estágio que incluía a produção da história e também encontro a seguinte observação: “Também o mercado de produtos para os membros da comunidade surda é um mercado que está nascendo, porque só agora os surdos são reconhecidos como possuidores de uma cultura própria. No período de estágio, pude estudar e produzir dentro dessa área’ (Silveira, 2001: p 37). A diferença é que na época para escrever a escrita de sinais, usava-se na linha horizontal, como língua portuguesa, após que começou a recomendação que seria escrito na vertical, como atualmente a maioria realiza.

Outra experiência marcante que tive com a escrita de sinais foi com a criação dos livros infantis *Cinderela Surda* (1ª. Edição - 2002) e *Rapunzel Surda* (1ª. Edição - 2003), numa equipe formada pela professora Lodenir Karnopp, Fabiano Rosa e eu. Os enredos constituem adaptações de contos de fadas tradicionais para a cultura surda, buscando o fortalecimento da identidade surda para as crianças surdas, que até então encontravam poucos livros infantis com personagens surdos positivos. Os poucos livros infantis que tinham personagens surdos apenas mostravam esses personagens como pessoas que deveriam ser curadas com próteses, por exemplo (a este respeito, ver SILVEIRA. 2000). Em *Cinderela Surda* e *Rapunzel Surda*, as protagonistas e alguns personagens são surdos. E este fato provoca mudanças no enredo.

Além da modificação e adaptação para a cultura surda dos enredos dos contos tradicionais, também utilizamos *SignWriting* nos dois livros, ao lado dos textos em Língua Portuguesa e as ilustrações.



Fonte: Acervo pessoal (2023)

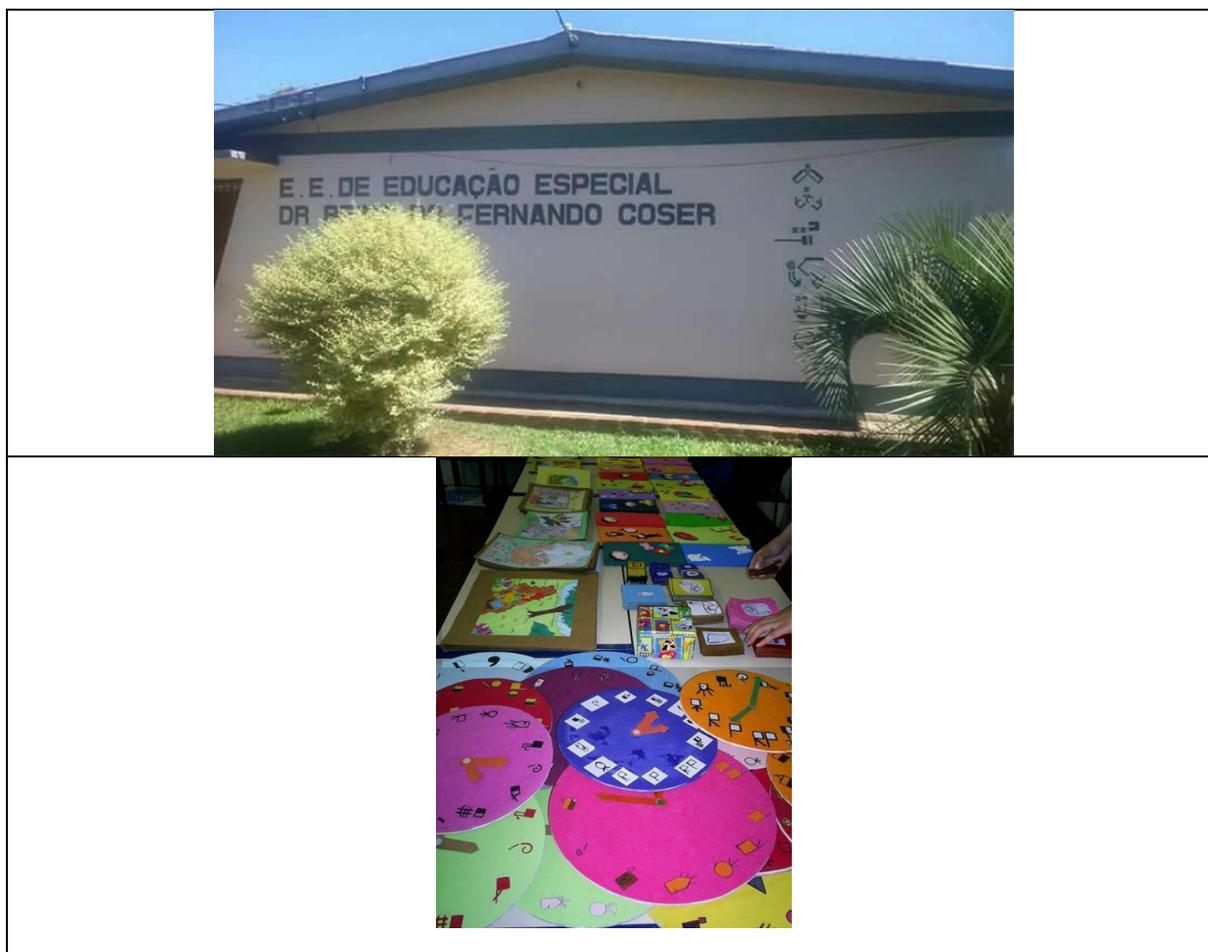
**Figura 7: Capas e exemplos de páginas internas das obras *Cinderela Surda* (2002) e *Rapunzel Surda* (2003)**

As duas obras são, provavelmente, os primeiros livros infantis brasileiros registrados com a escrita de sinais no Brasil. Todo o processo de criação das obras foi muito discutido entre nós três. Foi um desafio, em especial, por causa da escrita de sinais, o que nos provava várias dúvidas se e como a colocaríamos ou não. Ficávamos lembrando, em conjunto, o contexto de uso de Libras, e como os surdos usam a Libras. Nossos livros são exemplos de trabalhos analisados por Marquezi (2018), que olhou para os livros de literatura surda com *SignWriting* em sua dissertação de Mestrado e afirmou que “os livros de literatura infantojuvenil são quase todos bilíngues (apresentando textos em Português e Libras) e a produção de *SignWriting*

nos textos usa processos de tradução e transcrição, num contexto de diversas modalidades da Língua Portuguesa e Libras, junto com imagens' (p.11).

### Palavras finais

Trouxe, neste artigo, algumas reflexões sobre duas experiências pessoais com *SignWriting*, acontecidas no início dos anos 2000, quando o sistema de escrita de sinais estava se estabelecendo no Brasil. Muitas mudanças aconteceram desde então. Cito, em primeiro lugar, que até algumas escolas de surdos no RS usam a Escrita de Sinais como disciplina ou colocam a escrita dentro da disciplina Língua de Sinais. Por exemplo, destaco a Escola Estadual de Educação Especial Reinaldo Fernando Coser, em Santa Maria-RS, que trabalha bastante com a escrita de sinais, mostrada até na fachada da escola.



Fonte: Acervo pessoal (2023)

**Figura 7 – Fotos da fachada da Escola Estadual de Educação Especial Reinaldo Fernando Coser e de material produzido na escola, com Escrita de Sinais**

Por um lado, observamos, desde o começo dos anos 2000, a expansão da escrita de sinais, com a existência de várias oficinas sobre esse tema no Rio Grande do Sul, por exemplo. Algumas dissertações procuraram mostrar a utilidade e a ajuda para os surdos, que se expressariam melhor na escrita de sinais do que em língua portuguesa.

Um dos pontos positivos do uso da escrita de sinais no início dos anos 2000 é que ajuda no registro de como os sinais são feitos. Atualmente, se vê um grande avanço e popularização das tecnologias de gravação, pois qualquer pessoa pode fazer gravações a qualquer hora através do celular. Isto facilita que muitos sinais sejam registrados e divulgados através dos vídeos nas redes sociais.

Por outro lado, a Escrita de Sinais continua sua trajetória firme em disciplinas no curso de bacharelado de Letras Libras da UFRGS, por exemplo, contribuindo para a formação de intérpretes tradutores. Na Universidade Federal de Santa Catarina, os cursos de licenciatura e bacharelado de Letras Libras também têm, em seu currículo, a disciplina de escrita de sinais. Também em outros espaços temos sua abordagem, como é o caso do curso de Extensão para público mais amplo, de preferência com conhecimento Libras, intitulado “Curso Intensivo: Introdução à Escrita da Língua de Sinais”, ministrado pelo prof. Fernando Fogaça, na UFRGS, no ano de 2018. São diferentes perspectivas e espaços que auxiliarão direta ou indiretamente os alunos surdos a produzirem a escrita de sinais. Então poderá mudar a realidade retratada por Marquezi (2018, p. 139), a partir de entrevistas com autores de livros infantis contendo *SignWriting* concluiu: ‘As entrevistas mostraram que os tradutores e transcritores geralmente veem *SignWriting* como uma ferramenta didática e pedagógica. No futuro, pode ser que mude, ou seja, que a escrita de sinais entre mais na vida cotidiana da comunidade surda. Porém os resultados das entrevistas mostram que isso ainda não aconteceu.’

## Referências

- BARBOSA, Gabriela Otaviani. *A arte de escrever em Libras*. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em <file:///C:/Users/cahes/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20total.pdf> . Acesso em: 14 out. 2020.
- BÓZOLI, Daniele Miki Fujikawa. *Um estudo sobre o aprendizado de conteúdos escolares por meio da escrita de sinais em escola bilíngue para surdos*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, 2015. Disponível em

<http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2015%20-%20Daniele.pdf>. Acesso em 8 out 2020.

CAMPOS, Débora Wanderley; STUMPF, Marianne Rossi. Cultura surda: um patrimônio em contínua evolução. In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (orgs.) *Um olhar sobre nós surdos. Leituras contemporâneas*. Curitiba: CRV, 2012. P. 177-185.

GESSER, Audrei. *Libras – que língua é essa?* São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KOGUT, Marcos Kluber. *As descrições imagéticas na transcrição e leitura de um texto em Signwriting*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158448?show=full> Acesso em 14 de outubro de 2020.

LUNA, Cristina. *O boto cor-de-rosa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992.

MARQUEZI, Luana. *Literatura surda: o processo de tradução e a transcrição em signwriting*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2018. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/210366>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

NOBRE, Rundesth Saboia. *Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fonomorfológica da escrita em signwriting*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2011. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/130863>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (orgs.) *Um olhar sobre nós surdos. Leituras contemporâneas*. Curitiba: CRV, 2012.

PINTO, Jorge; COELHO, Orquídea. Será o *SignWriting* um instrumento facilitador do acesso a um melhor desempenho linguístico do aluno surdo na Língua Portuguesa? In: COELHO, Orquídea; KLEIN, Madalena. (orgs.) *Cartografias da surdez. Comunidades, línguas, práticas e pedagogia*. Porto: Universidade do Porto; LIVPSIC, 2013. P.189-205.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. *Narrativas surdas de percursos acadêmicos*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SILVA, Fábio Irineu da. *Analizando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: SignWriting*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92266/266519.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

SILVEIRA, Carolina Hessel. *A ilustração na literatura infantil*. Monografia do curso de Desenho Industrial. Universidade Luterana do Brasil, Canoas, junho de 2001.

SILVEIRA, Carolina Hessel; ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker.. *Cinderela Surda*. 2. ed. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2007.

SILVEIRA, Carolina Hessel; ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker.. *Rapunzel Surda*. 2. ed. Canoas - RS: Editora da Ulbra, 2006.

SILVEIRA, Rosa Hessel. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Estudos culturais em Educação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

STUMPF, Mariane Rossi. Sistema Signwriting: por uma escrita funcional para o surdo. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (orgs.) *A invenção da surdez: cultural, alteridade. Identidades e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. P.143-159.

STUMPF, Marianne Rossi. *Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador*. 2005. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5429/000515254.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

WANDERLEY, Debora. *Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/100775/308896.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 14 de outubro de 2020.